

UMA ANÁLISE GEOPOLÍTICA DO RESULTADO DAS ELEIÇÕES NOS EUA: O RETORNO DOS DEMOCRATAS COM JOE BIDEN

Edu Silvestre de Albuquerque¹

Por ocasião da divulgação dos resultados da eleição presidencial norte-americana que determinou o retorno dos Democratas à Casa Branca, os alunos do PET (Programa Especial de Treinamento/CAPES) do curso de Bacharelado em Geografia da UFRN me convidaram para uma entrevista sobre este tema de grande relevância não só para a Geopolítica, mas para a Geografia e ciências sociais em geral. Além de ser o professor da disciplina de Geografia Política na Universidade Federal do Rio Grande do Norte, tenho editado por dez anos, de forma ininterrupta, a Revista de Geopolítica, e produzido artigos e livros sobre esse campo interdisciplinar que mobiliza a Geografia, as Ciências Política e as Relações Internacionais.

Para uma consulta ao áudio da entrevista acessar o link https://www.youtube.com/watch?v=mPs8r_FUDEM. Entretanto, uma vez que nem todas as perguntas que me foram previamente enviadas acabaram sendo realizadas na entrevista pelo Google Meet em razão do tempo do programa, achei então oportuno reproduzir as perguntas e respostas na íntegra, agora na forma textual. Nestes últimos meses desde a posse de Joe Biden, também posso me valer de uma série de decisões do novo governo que corroboram a linha de pensamento esboçada na entrevista, e que terei a oportunidade de acrescentar em notas de pé de página.

¹ Doutor em Geografia e Editor da Revista de Geopolítica. Docente da disciplina de Geografia Política na UFRN.

Registro especial agradecimento ao Prof. Dr. Tutor Alessandro Dozena e as acadêmicas Lívia Campos e Gabriela Marques do PET-Geografia da UFRN - Campus de Natal pela oportunidade de refletir sobre a temática eleitoral norte-americana.

Entrevista realizada em novembro de 2020

Antes de mais nada gostaria de agradecer ao PET Geografia pelo convite para discutir esse tema tão relevante para a ordem internacional por pelo menos os próximos quatro anos, que é o significado geoeconômico e geopolítico da eleição de Joe Biden.

● *Qual importância das eleições dos EUA para o resto do mundo?*

Os EUA são a maior democracia da Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), e também o maior poder militar do planeta. O quanto o hegemom em cada administração mobiliza de *hard power* e de *soft power* impacta diretamente na ordem internacional.

● *Como o modelo das eleições americanas funcionam?*

Desde a criação da Confederação a partir das 13 colônias atlânticas, os EUA garantem ampla autonomia a suas partes constitutivas. Inicialmente, a União determinava apenas a política externa e a organização militar, sobretudo para impedir tentativas de recolonização europeia. Com o tempo, a União passou a exercer funções tributárias e de regulação da ordem econômica nacional. Mas os estados continuam autônomos em termos de constituição de suas leis civis, criminais e eleitorais. Cada estado também possui um sistema eleitoral próprio, sendo para a maioria todos os votos dos representantes daquele estado, independentemente do partido, vão para o presidencialíavel mais votado no estado, mas em dois estados é mantido uma proporcionalidade. As regras quanto ao voto pelo correio - que geraram enorme protesto pelos trumpistas -, também pode ter algumas variações conforme o estado.

Nestas eleições, em 08 de dezembro vence o prazo para os estados encaminharem os resultados oficiais indicativo para o voto de seus representantes. E dia 14 de dezembro, o colégio eleitoral contabiliza os votos e anuncia o vitorioso; e no geral os delegados dos estados ratificam o indicativo (raros são os infiéis)

● *Até onde o modelo bipartidário pode ser, de fato representativo?*

O modelo bipartidário possui vantagens e desvantagens. A desvantagem é que nem sempre há representatividade das minorias. A vantagem é que impede uma fragmentação político-partidária no Congresso que venha a paralisar as ações do poder executivo, como na famosa política do toma-lá-dá-cá que vimos no Brasil em toda a Nova República, inclusive Lula, Dilma e agora Bolsonaro. Evidente que isto não significa que se o executivo não tiver maioria no Congresso também não venha a ter suas pautas prejudicadas, mas isto não costuma envolver saídas fisiológicas.

● *O voto impresso e enviado por correio é seguro?*

Interessante que quando Trump venceu isto não foi problema, mas agora que perdeu alegou que em razão da enxurrada de votos pelo correio, como reflexo da pandemia do covid-19, isto teria sido decisivo nas eleições. Mas o voto pelo correio na contagem é seguro, pois o processo é conferido com listas eleitorais, e há regras para a recontagem quando as diferenças são muito pequenas. No máximo podemos querer ver algum problema na etapa da coleta do voto, já que pode haver interferência política na arregimentação do voto. Mas isto pode ocorrer de ambos os lados, e apenas em pequena escala, nada de forma a mudar os resultados eleitorais acredito.

ELEIÇÕES EUA 2020

● *Qual o motivo do aumento de votos de negros e latinos para o Trump?*

A campanha dos republicanos insistiu na ideia da guinada dos democratas ao socialismo, influenciando o voto de imigrantes e refugiados de Cuba, Venezuela e outros países centro-americanos de regime socialista. Isso é o que apareceu na mídia, e parece compor parte da explicação.

Mas também, segmentos da comunidade afroamericana e latina se inseriram no mercado de trabalho aquecido nos últimos anos, não mais dependendo de programas sociais do governo. Esse voto pode ter ido para os republicanos.

● *Até onde a pauta ambiental foi decisiva para a subida ao poder de Biden?*

Creio que o problema maior para Trump foi a pandemia. Poucos governantes no mundo souberam lidar com ela, aliás nem a OMS soube, mudando de opinião diversas vezes. A maioria dos governos passou às mãos de opositoristas nas eleições realizadas durante o período da pandemia, o que significou majoritariamente que retornou às mãos da centro-esquerda.

Evidente que a questão do abandono do Acordo Climático de Paris não caiu ao gosto de uma parcela do eleitorado americano, mas quem milita pela pauta ambiental sempre foi em sua maioria fiel ao Partido Democrata. Digo mais, não sei nem se o movimento do *Vidas Negras Importam* foi assim tão decisivo para derrotar Trump, pois serviu as republicanos justamente para semear medo em parte do eleitorado com uma suposta ameaça de anarquia na sociedade americana se os democratas fossem eleitos.

● *Por que Biden tem apoio nos grandes centros urbanos e Trump nos centros rurais?*

Nos centros urbanos temos a maior parte da população que depende dos programas sociais governamentais, incluindo a população afroamericana e hispânica. Essa parcela do eleitorado historicamente tem ido para os democratas.

Nos estados do interior dos EUA temos os cinturões agrícolas e muitos parques industriais tradicionais, onde o eleitorado é formado por pequenos proprietários rurais e trabalhadores urbanos e rurais. Esse é o chamado Estados Unidos Profundo, que historicamente é mais inclinado aos republicanos.

Mas nessa eleição houve uma importante exceção, representada pelo antigo Cinturão Automobilístico de Detroit (Grandes Lagos), hoje chamado de Cinturão da Ferrugem. A maioria dos eleitores desses estados, desta vez votou nos democratas, pois não se sentiram contemplados na retomada do desenvolvimento econômico americano de Trump.

●*Porque a disputa presidencial nas eleições dos EUA desta vez foram tão acirradas?*

Em verdade, essa tem sido uma tendência nas últimas eleições, e uma marca da história política americana. E não fosse assim, não haveria a alternância de tempos em tempos entre democratas e republicanos não é verdade?! A democracia americana tem sido estável ao longo do tempo em razão desse equilíbrio de forças políticas em torno de um mesmo centro gravitacional, onde as diferenças parecem substanciais mas não o são.

●*Quanto a bipolarização, como isso pode afetar a política americana?*

Para o funcionamento da democracia a bipolarização possui elementos positivos desde que nenhum dos dois partidos assuma o Executivo e o Legislativo ao mesmo tempo, e desde que não fique tempo o suficiente no poder para formar maioria absoluta na Suprema Corte. Esse sistema de freios e contrapesos operado pelo princípio da separação dos três poderes, já idealizado em Montesquieu, evita que também nos EUA um lado faça o aparelhamento do Estado para se perpetuar no poder, como ocorre comumente na história política latino-americana.

O lado ruim da bipolarização é que, por vezes, programas fundamentais como o pacote de ajuda à recuperação econômica durante a pandemia acabe barrado fundamentalmente por brigas partidárias (neste caso, não reeleger Trump). Mas esse processo é bem conhecido e mais grave também entre nós não é verdade !

Lembro que os extremos políticos à direita (nazismo) e à esquerda (comunismo), embora legais na América, nunca conquistaram expressão política justamente porque são ofuscados por essa bipolarização entre centro-direita e centro-esquerda. Pode parecer estranho ao nosso padrão esquerda / direita no Brasil, mas os americanos não costumam criar estatais para resolver seus problemas. Mesmo o Obamacare representou a ampliação do setor privado na área de saúde através de subsídios governamentais aos planos de saúde particulares dos americanos mais pobres. Estatais na esfera da produção é um mal exclusivamente socialista e dos militares brasileiros.

A educação superior americana é também fundamentalmente privada, com o governo bancando bolsas aos alunos carentes. Democratas e republicanos não alteram as linhas mestras dessas parcerias público-privadas, variando apenas as áreas priorizadas, o tamanho do subsídio e a quantidade de pessoas adicionadas aos sistemas de proteção social.

● *Como o fenômeno da judicialização das eleições, pode afetar a democracia de outros países?*

A judicialização e intromissões políticas nas eleições já ocorre em outros países, sobretudo da América Latina. A questão é que a judicialização nos EUA segue padrões estritamente legais, isto é, previstos nas leis e na tradição política do país, e com pessoas responsáveis nos cargos e cientes de suas missões constitucionais. Ao menos assim tem sido até hoje, e não creio que haverá mudanças.

Lembro que se há indícios de corrupção o recurso ao judiciário é um direito de ambas as partes. E mesmo que não haja suspeita de corrupção, alguns estados prevêm a recontagem dos votos quando a diferença é muito estreita, afinal o sistema eleitoral americano tem triagem e contagem manual, o que pode produzir erros.

O voto no papel e os recursos judiciais causam demora ? Sim, mas o tempo é o preço da transparência do processo eleitoral, exatamente porque permite checagens dos votos.

● *Mesmo sendo o governo com menores incursões militares e marcados por retiradas de tropas, qual o motivo de Trump ser vendido como um belicista?*

De fato, o simpático democrata Barack Obama foi o presidente que mais ordenou ataques com drones no Oriente Médio, inclusive com o efeito colateral da morte de centenas de civis. E aqui não estou me posicionando a favor ou contra esses ataques, quero deixar isto bem claro. Mas a questão é Trump, então vamos a ela.

Trump para obter o voto do homem comum americano que está cheio da política, apelou ao discurso populista. Isso pode ter ajudado na sua rápida popularização,

mas acabou desgastando sua imagem com o tempo, caso dos comentários julgados politicamente incorretos pelo eleitorado feminino ou das promessas não cumpridas de deter o expansionismo econômico da China.

Os EUA de Trump foi inábil no trato com os aliados europeu, e ainda que todos saibam que se tornou pesado aos EUA sustentar a defesa da Europa, o modo como ele ameaçou os dirigentes europeus foi desnecessário e totalmente antidiplomático.

De positivo, Trump logrou êxito em frear o programa nuclear iraniano e colocar certos limites à Coreia do Norte. Lembro o episódio do ataque à bases americanas na Arábia Saudita por drones iranianos, que poderia ter resultado numa guerra. A mídia toda esperava uma dura retaliação americana. Trump contornou a situação. Se tivesse retaliado talvez tivesse maior adesão popular nesta eleição ao clamar o patriotismo.

● *Como a Figura da nova vice presidente Kamala Harris pode mudar o cenário político americano?*

O vice-presidente não tem a mesma expressão política do presidente mesmo nos EUA. O grau de influência de Kamala sobre Biden é difícil medir, pois Biden é um político para lá de experiente e com ideias próprias. Talvez tenha sido mais uma jogada dos democratas para encontrar para a chapa de Biden alguém com perfil forte entre o eleitorado feminino e afroamericano.

● *Qual a influência da pandemia de COVID-19 nos resultados das eleições?*

Do meu ponto de vista foi decisivo, pois jamais um presidente que promoveu o pleno emprego em seu mandato havia deixado de se reeleger na América. Não nos tempos recentes ao menos.

EUA E RELAÇÕES EXTERIORES

● *Quais serão os possíveis impactos diretos na política global com a vitória de Biden?*

Sei que muitos entre nós acham que a grande vitoriosa nessas eleições foram as minorias, e isso ficou claro na comemoração de nossa Grande Mídia e da

esquerda brasileira (salvo a Causa Operária, que denunciou desde o início Biden como o candidato do imperialismo).

De fato, creio que o mais certo é dizermos que a vitória foi dos globalistas, especialmente dos bancos (altas finanças) e das grandes corporações industriais que financiam a socialdemocracia com suas pautas libertárias (ambientalista, controle de população via aborto, etc).

Meus argumentos são os seguintes:

1º) as elites financeiras e empresariais americanas publicaram manifestos durante todo o mandato de Trump pedindo mais impostos. Mais impostos para bancar a expansão da infraestrutura social e das demais infraestruturas nacionais (logística) necessárias à expansão corporativa. Uma 5G não custa barato, e já vem aí a 6G...

2º) 77% dos judeus naturalizados norte-americanos votaram em Biden.

● *Qual será a diferença entre o America First de Trump e o Buy in America de Biden?*

O protecionismo faz parte da história da industrialização americana, e volta e meia reaparece ainda que com menor força. A questão é que lá o protecionismo é temporário, dentro de uma estratégia bem montada até que as empresas americanas estejam aptas à concorrência internacional.

Trump foi duramente criticado inclusive no Brasil por ter elevado o imposto sobre o aço importado pelos EUA. Mas lembro que foi o democrata Bill Clinton quem aprovou o Nafta, um bloco protecionista que obrigou o Japão a deslocar plantas industriais para América do Norte se quisesse continuar acessando o mercado automobilístico americano. Obama criou um sistema de proteção tarifária para os pneus americanos enfrentarem a concorrência chinesa: o resultado foi que os americanos passaram a gastar uma parcela maior de sua renda com pneus, deixando de aquecer outros setores da economia. O protecionismo pode ser uma faca de dois gumes...

De qualquer forma, talvez o FEITO NA AMÉRICA de Biden possa reunir os europeus num bloco Transatlântico para enfrentar a concorrência chinesa. O mundo é um conjunto de possibilidades não é verdade?!²

● *Uma das propostas de campanha de Biden era retirar os investimentos da indústria petrolífera, quanto disso é possível e como isso se afetaria a força do dólar na economia mundial?*

O maior incremento da produção de petróleo nos EUA vem do xisto, indústria que anda mal em razão da derrubada dos preços do petróleo promovido pela OPEP/Rússia. É provável que Biden deixe este segmento falir...

Biden deverá incentivar a produção de energia limpa na América, desde energia solar e eólica até biodiesel. Mas o primeiro ponto é que o petróleo ainda será importante para a indústria petroquímica americana nas próximas décadas: é a matéria-prima para plásticos e peças de todo o tipo.

O segundo ponto é que as energias limpas custam mais caro, o que significa que precisam de subsídios públicos (ou seja, quem vai pagar a conta são os contribuintes americanos). Isso encarecerá o custo da produção industrial americana, que perdeu competitividade nos últimos anos sobretudo diante dos chineses.

Então, se o parque industrial americano continua a perder competitividade e o sonho dos Democratas falhar em mudar a matriz energética mundial, o mercado financeiro internacional pode sim decidir valorizar outras moedas, sobretudo a medida em que as transações comerciais internacionais utilizem mais de outras moedas que não o dólar. O aumento das reservas de ouro de algumas nações como Rússia e China talvez seja um ensaio para essa mudança no mercado financeiro internacional, onde o dólar seja apenas uma moeda em meio a uma

² N.A.: Mas o apoio europeu não sairá barato ! No dia 19 de fevereiro de 2021, Biden discursou virtualmente na Conferência de Segurança de Munique conclamando os líderes europeus para fortalecer a aliança atlântica contra os desafios autoritários representados por China e Rússia. Disponível em <https://valor.globo.com/mundo/noticia/2021/02/19/biden-quer-renovar-alianca-com-a-europa-para-combater-a-ascensao-do-autoritarismo.ghtml> Acessado em 25.03.2021. Entretanto, o presidente francês Emmanuel Macron, apenas duas semanas depois da posse de Biden, declarou publicamente a importância do diálogo com Moscou. E poucos dias antes da posse de Biden, a União Europeia havia fechado acordo de investimentos com a China. <https://oglobo.globo.com/mundo/analise-plano-de-biden-de-se-unir-europa-contra-china-russia-nao-tao-simples-24889838>. Acessado em 25.03.2021.

cesta de moedas mais ampla. De qualquer forma, não sonhem que o real será uma dessas moedas.

● *O que a vitória de Joe Biden pode representar na guerra comercial com a China após o mandato de Trump? Será um novo começo?*

O mercado financeiro saudou a vitória de Biden por acreditar que ele saberá lidar melhor com os desafios comerciais e militares lançados pela China, que afetam aliados americanos e o próprio Estados Unidos. Trump não soube lidar muito bem com a China em minha opinião. Obrigar os chineses a comprar mais soja americana me pareceu muito pouco. Acredito que Biden possa fazer mais, se contar com a boa vontade dos europeus.

O fato é que o gigantismo econômico chinês foi fomentado por administrações republicanas e democratas. Agora, a percepção que este já passou dos limites e ameaça o próprio *American Way of Life* é comum a republicanos e democratas. Se Biden quiser incluir maiores parcelas das minorias americanas no mercado, terá de enfrentar a China.

● *Joe Biden, em sua campanha, falou que pretende reingressar os EUA no Acordo de Paris, o que essa volta pode representar nas discussões acerca das mudanças climáticas ao redor do mundo?*

Chamo a atenção ao fato de que se observarmos bem a política externa de Trump, ela foi uma tentativa de retornar ao isolacionismo. O problema maior dessa política é que as questões de segurança nacional americana são perpassadas, cada vez mais, por questões globais, como o terrorismo e as emissões de CO₂. Immanuel Wallerstein já antecipara isto ao afirmar a impossibilidade de políticas domésticas, mesmo em países de centro, que não estejam conectadas com o mercado global.

Os Estados Unidos é um importante polo da emissão de dióxido de carbono, mas a China é um problema muito maior para o clima global. Biden com suas matrizes limpas talvez consiga mudar a percepção europeia quanto aos Estados Unidos.

E a própria China ao ter que despender recursos para mudanças em sua matriz energética e produtiva talvez tenha taxas de crescimento bem menores.

● *Durante a administração Trump, a Coreia do Norte e o Irã pararam seus programas nucleares, mesmo sob políticas de enfrentamento direto, isso poderá mudar com Biden?*

O líder supremo do Irã, aiatolá Ali Khamenei, disse a poucos dias que o resultado da eleição presidencial dos Estados Unidos não impactará a política de Teerã para com Washington (Portal Terra, 03 novembro).

Infelizmente, temos que Biden com sua política de *soft power* poderá representar um ganho de tempo precioso para Irã e Coreia do Norte. Biden terá que continuar a usar os drones se quiser se fazer ouvir nas eternas negociações para manter o Irã desnuclearizado. Já a questão da Coreia do Norte exigirá um entendimento com Pequim³.

● *As relações com Venezuela e Bolívia podem se alterar com a nova administração?*

Não creio que haverá grandes mudanças em relação à América Latina, salvo em perfumaria. O muro do México não será derrubado, inclusive para isto deve haver aprovação do congresso. Lembro que o muro foi aprovado na administração Bush, mas foi construído na administração de Clinton, um democrata (era então, e ainda é, um sistema descontínuo de muros, cercas e sistemas de monitoramento ao longo de toda a fronteira com o México). Depois ainda tivemos Obama, que também não colocou essa barreira antiimigratória abaixo.

Por que então o muro foi associado a Trump? Simplesmente porque Trump queria ampliar o muro, e então os democratas viram nisto uma oportunidade

³ N.A.: Pouco mais de um mês após sua posse, Biden autorizou o uso de drones para bombardear bases de milícias apoiadas pelo Irã na Síria. Disponível em <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-56205448>. Acessado em 25.03.2021.

política para associar o muro ao candidato republicano. E a grande imprensa fez o resto, reproduzindo a mentira.

A situação com a Bolívia não deve gerar problema num primeiro momento pois o governo de esquerda atual foi eleito nas regras do jogo democrático. Contudo, a questão dos cocaleiros bolivianos será fator de renovada tensão nas relações bilaterais.

Acerca da Venezuela, Biden já declarou tempos atrás que não apoiava o governo de Maduro pelo modo como tratava a democracia e a oposição no país. Não creio que essa posição vá se alterar. A esquerda (entre aspas) americana é muito mais democrática que a maioria da esquerda brasileira.

● *Com relação ao Brasil, como a vitória de Joe Biden pode influenciar as eleições presidenciais brasileiras em 2022?*

Com a pandemia a dívida pública brasileira deve chegar a 100% do PIB ao final do ano. Vejam o que já aconteceu na vizinha Argentina com o recém eleito Fernandes....

Precisaremos de financiamento externo para equilibrar as contas públicas e isto se prolongará até o final das eleições. Bolsonaro terá que conseguir recursos internacionais, e para isto precisará do apoio de Biden (ou da China...). Que dilema hein ! Sem dinheiro externo não haverá equilíbrio das contas públicas, e portanto, Bolsonaro não terá como continuar bancando os programas sociais ampliados (base de seu apoio popular atual) em 2021 e 2022.

● *O que esperar das relações comerciais e políticas entre os EUA e o Brasil?*

Negativamente: Aumento das tensões bilaterais envolvendo nossa política desenvolvimentista para a Amazônia, afetando o agronegócio, em particular a agropecuária.

Positivamente: Talvez consigamos espaço no mercado americano para o etanol, isto se a pressão ambiental não inviabilizar a produção no Pantanal. Caso isso ocorra, provavelmente não tenhamos áreas novas para a expansão das lavouras

de cana de açúcar. A expansão do uso do biodiesel - uma fonte de energia limpa e renovável - nos EUA e no mundo passa pelo Brasil.

Referências

HUNTINGTON, Samuel P. *O choque de civilizações e a recomposição da ordem mundial*. Trad. M. H. C. Côrtes. Rio de Janeiro: Objetiva, 1997.

MONTESQUIEU, Charles de Secondat. *O espírito das leis*. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

WALLERSTEIN, Immanuel. *O sistema mundial moderno*. Porto: Ed. Afrontamentos, 1974.